

Obra Completa

Luísa Ducla Soares

O Ratinho Marinheiro



Luísa Ducla Soares

O Ratinho Marinheiro

Ilustrado por Maria João Lopes





Um rato espertinho,
pequeno e bravio,
vivia sozinho
num buraco frio.

De triste, fitava
a água, o Bugio,
os barcos que vinham
e iam pelo rio.

As ondas, a espuma,
o canto do mar,
ficava de noite
e dia a escutar.



Se não fosse rato,
era marinheiro,
havia de ver
o mar todo inteiro.

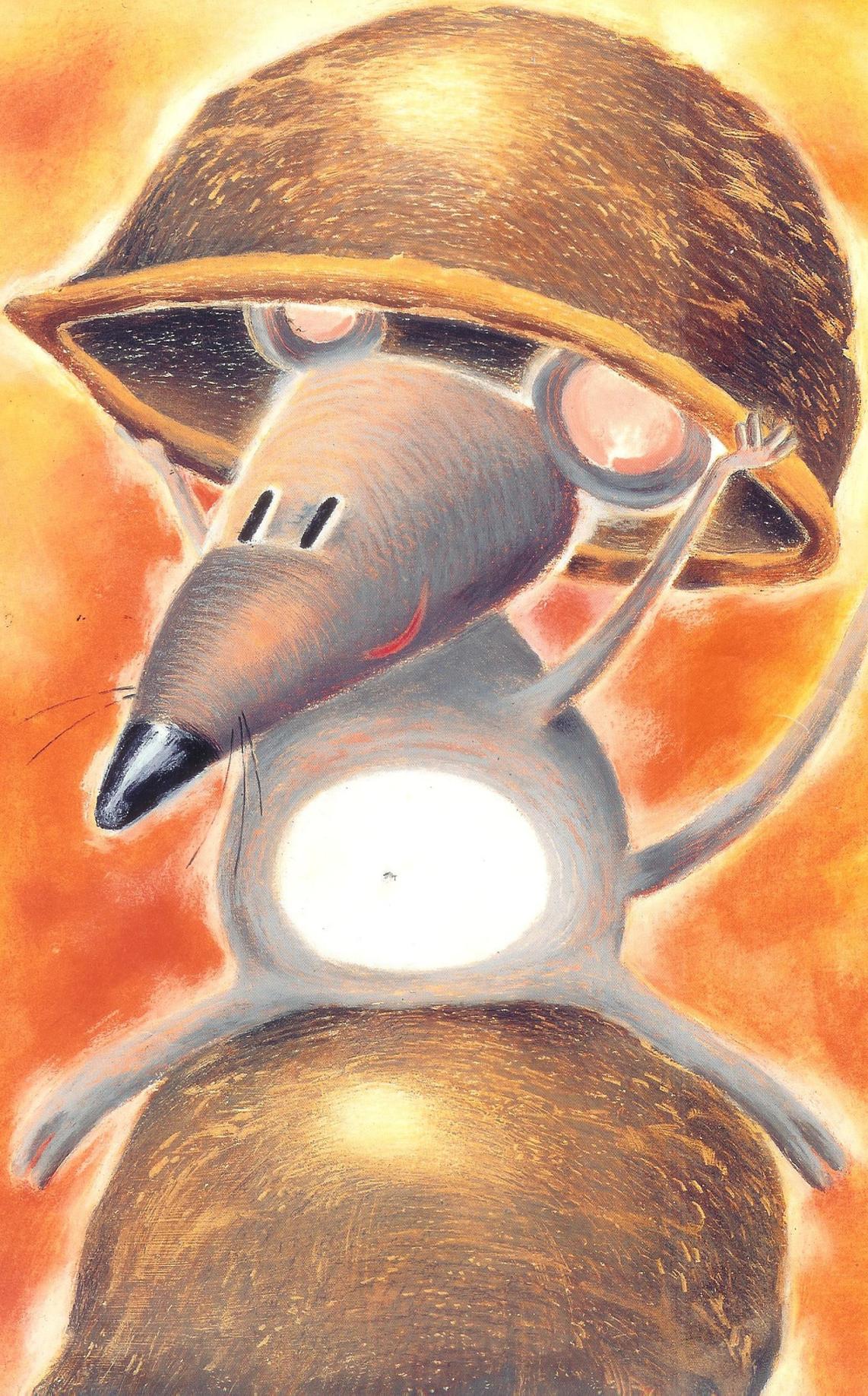
Assim, os seus olhos
eram duas fontes
chorando, turvando
os horizontes.

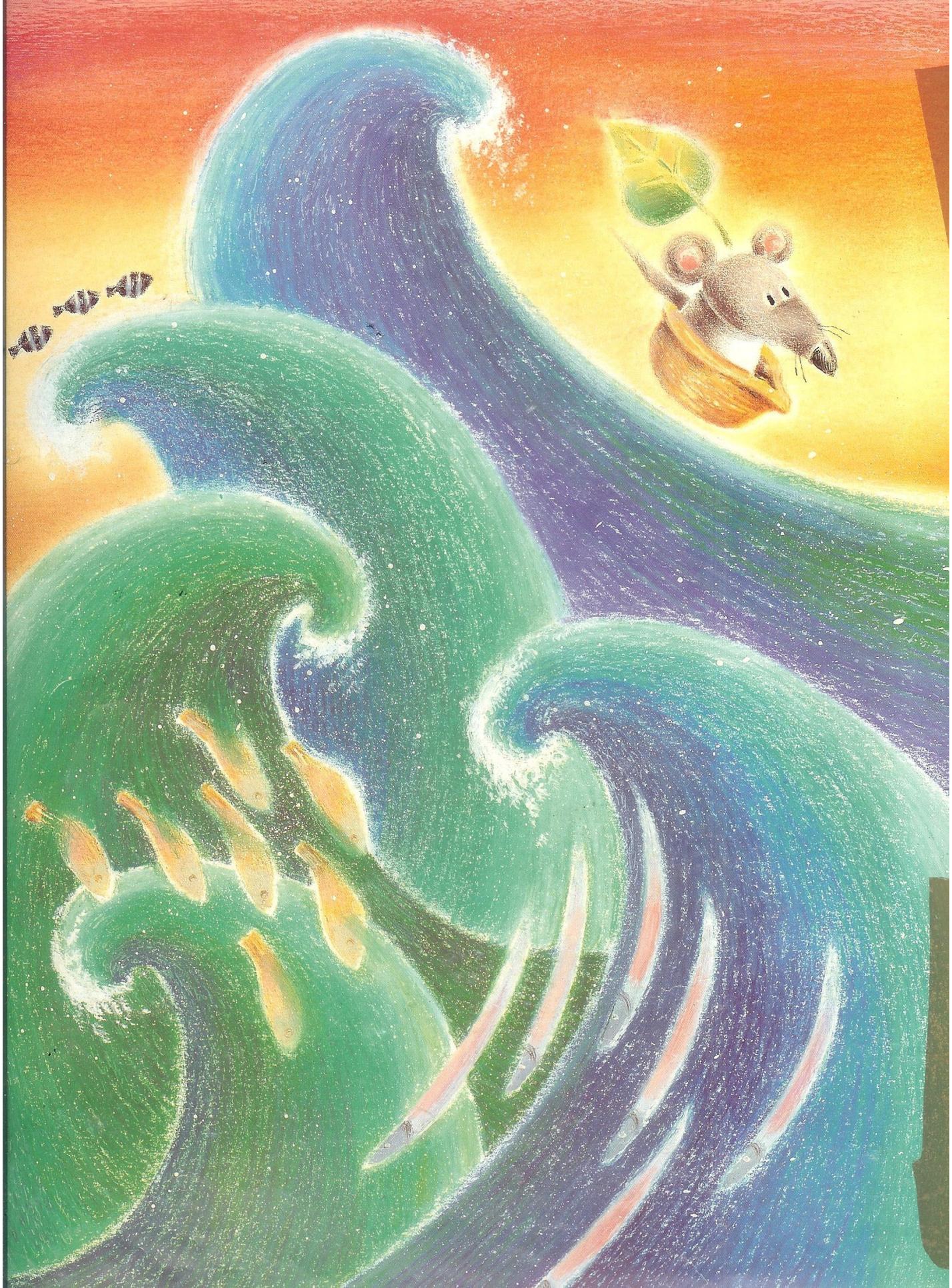


Até que encontrou
perdida uma noz.
Partindo-a, fazia
um barco veloz.

Por remos, palitos,
por vela, uma folha,
e para se sentar
um banco de rolha.

Um naco de queijo,
um pouco de pão,
era o que bastava
para alimentação.





Meteu-se o ratinho
lá no seu batel –
soprava-o o vento
que nem um papel.

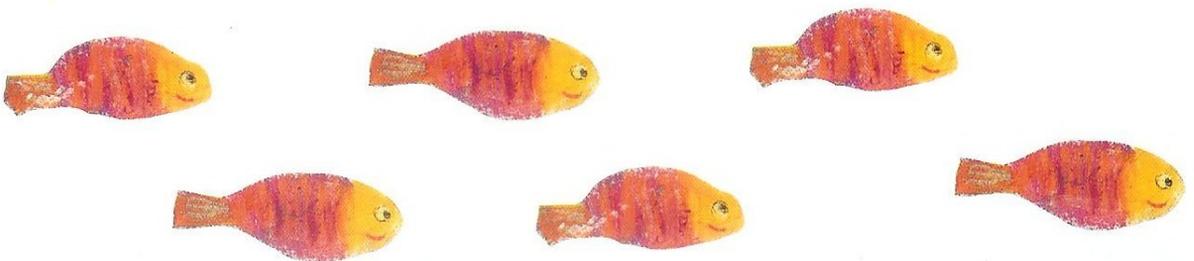
Subia na crista,
descia no vão,
pelo carrocel
da ondulação.



Saltavam os peixes
dizendo-lhe: – Olá!
Então o senhor rato
navega por cá?!

– Navego, navego
que sou marinheiro,
hei-de conhecer
o mar todo inteiro.

Nadavam peixinhos,
corriam peixões,
pequenas sardinhas,
grandes tubarões.



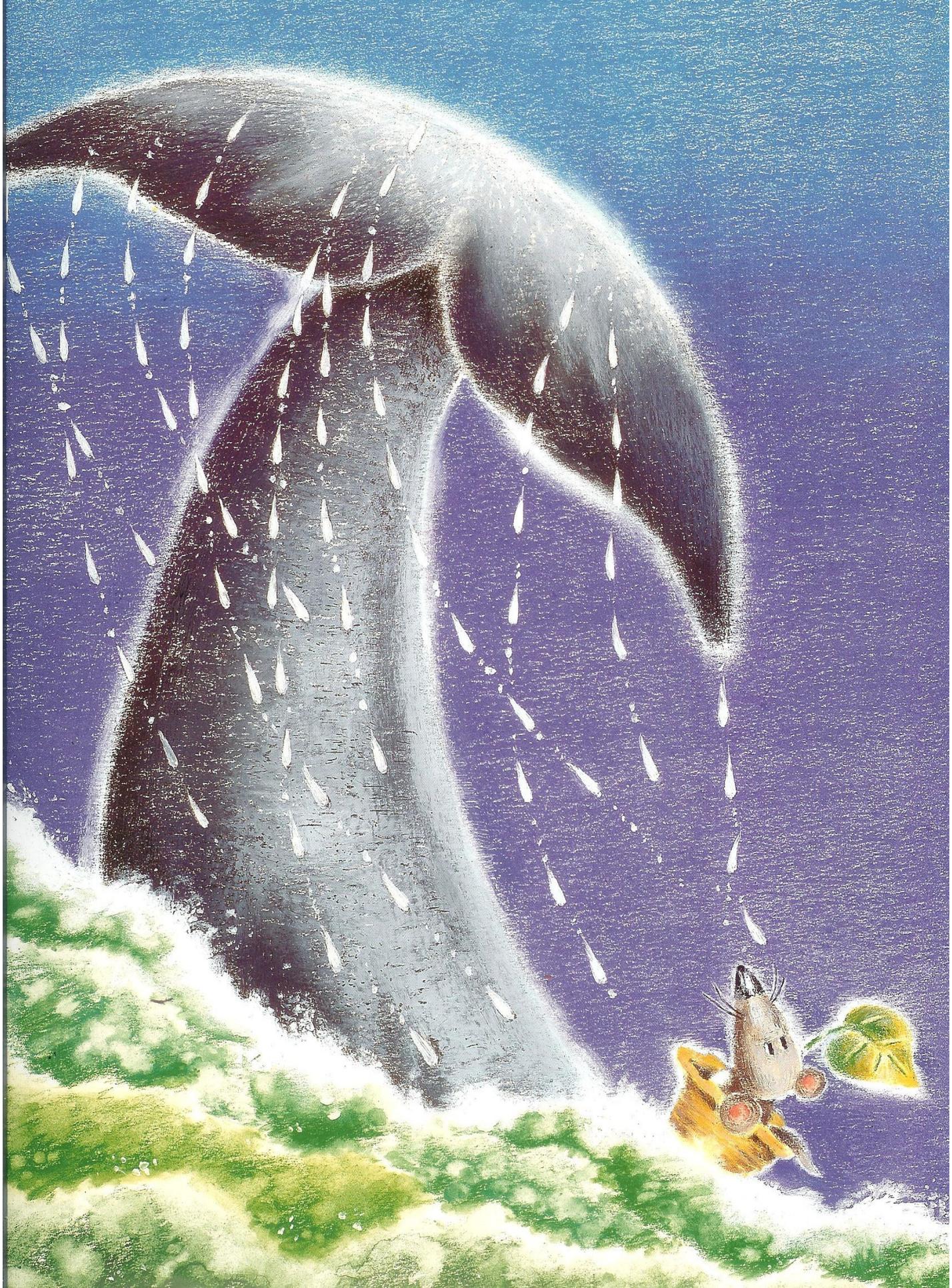


Nasciam as ilhas
no meio do mar
como grandes flores
a desabrochar...

Pulavam barquitos,
singravam navios.
Passaram-se os meses
os quentes e os frios.



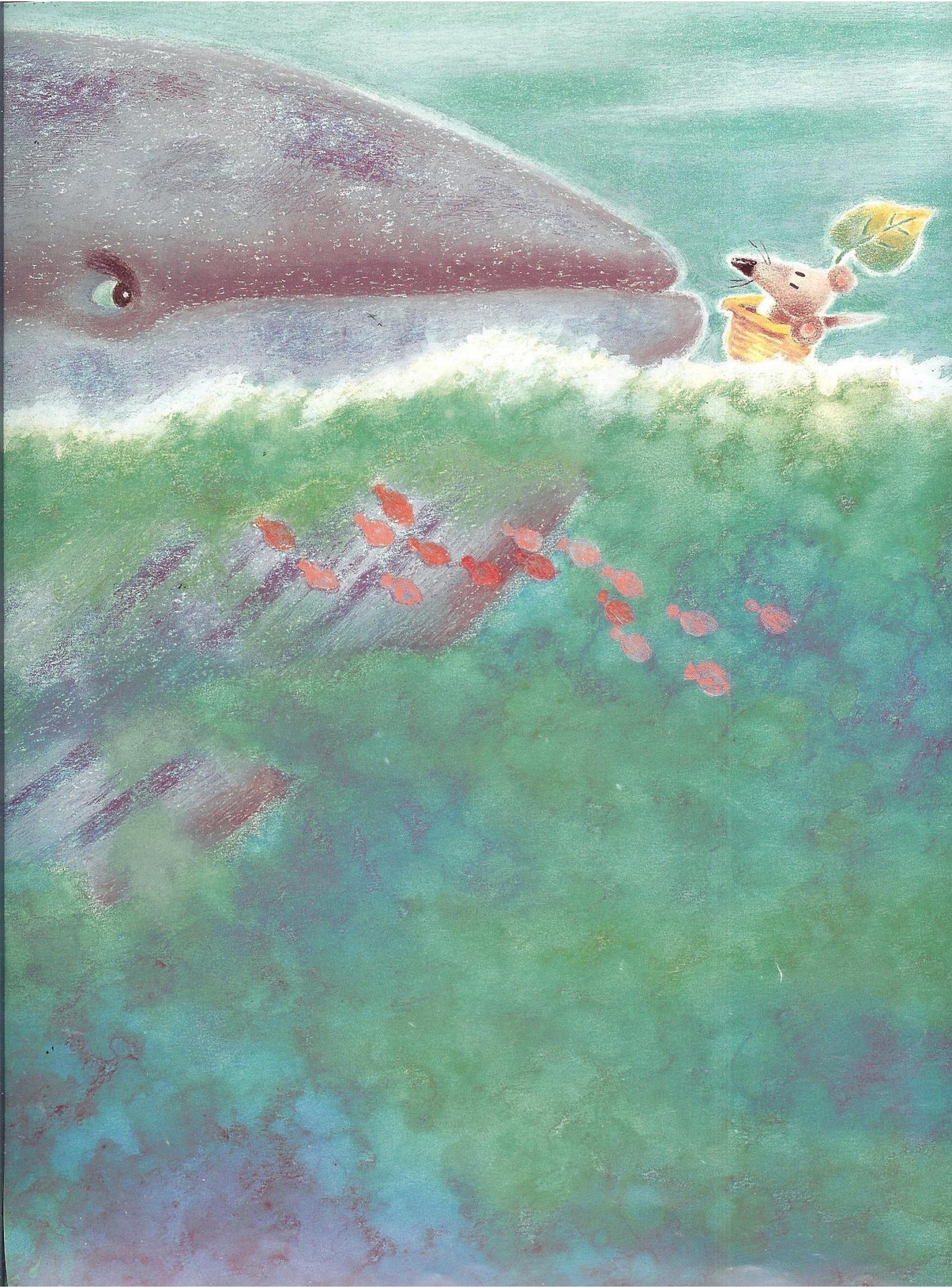




Até que um dia
viu um monte enorme
passeando pela água
seu corpo disforme.

Maior que veleiro,
maior que traineira,
nunca vira bicho
daquela maneira.

Com a cauda rasgava
a água, feroz.
Que faria ele
a um barco de noz?





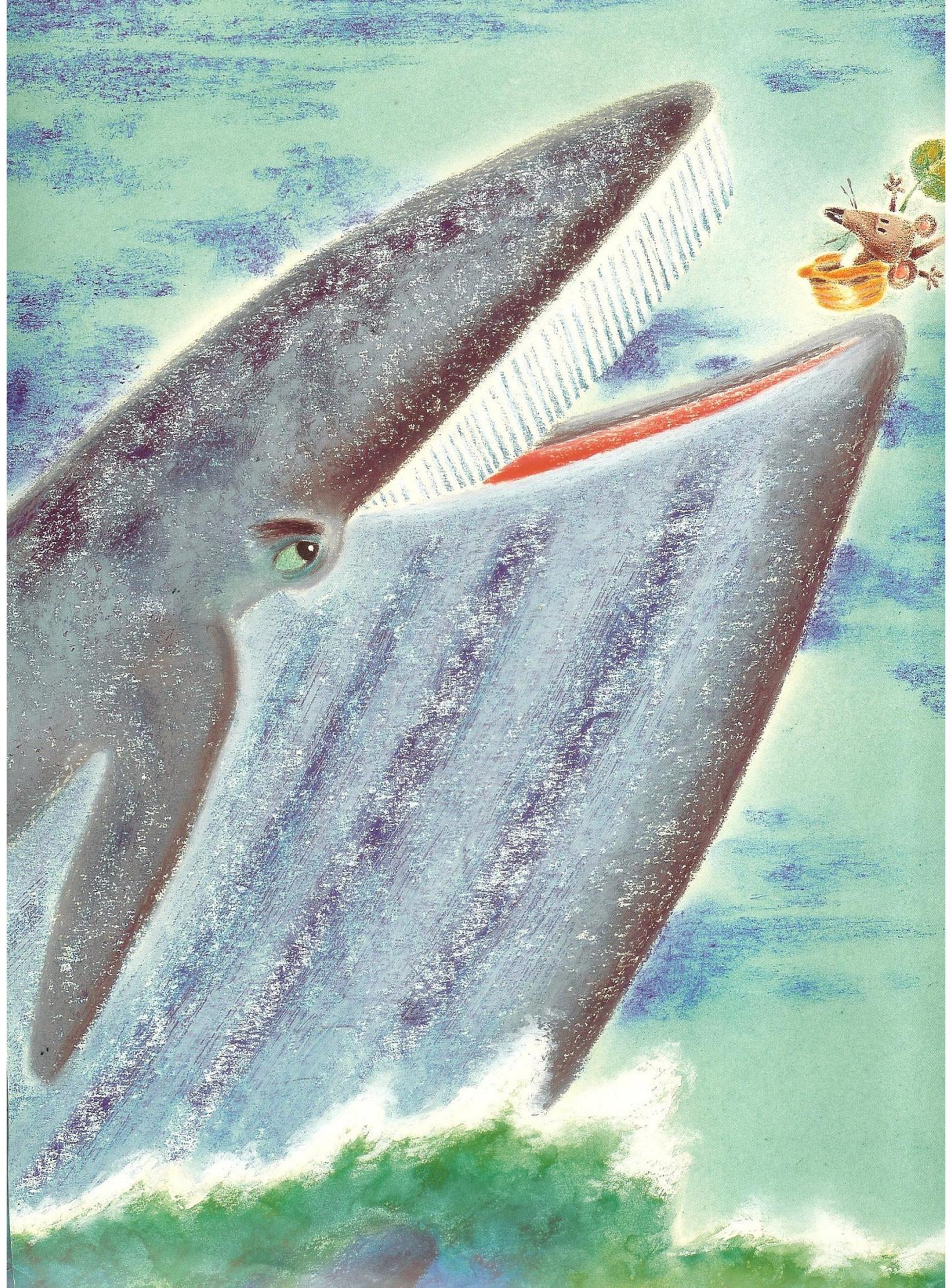
– Terá algum nome
esta ilha feia?

– Pois sim, tem um
nome, chama-se baleia.

– Será que me deixa,
a senhora, passar?
Sou um pobre rato
que anda a navegar...

– Em tantas andanças
através do mar
ainda nenhum rato
eu pude encontrar.





– Que belo petisco,
que rico pitéu,
pareces-me mesmo
caído do céu!

E abrindo a bocarra,
maior que um portão,
comeu o ratinho
com sofreguidão.

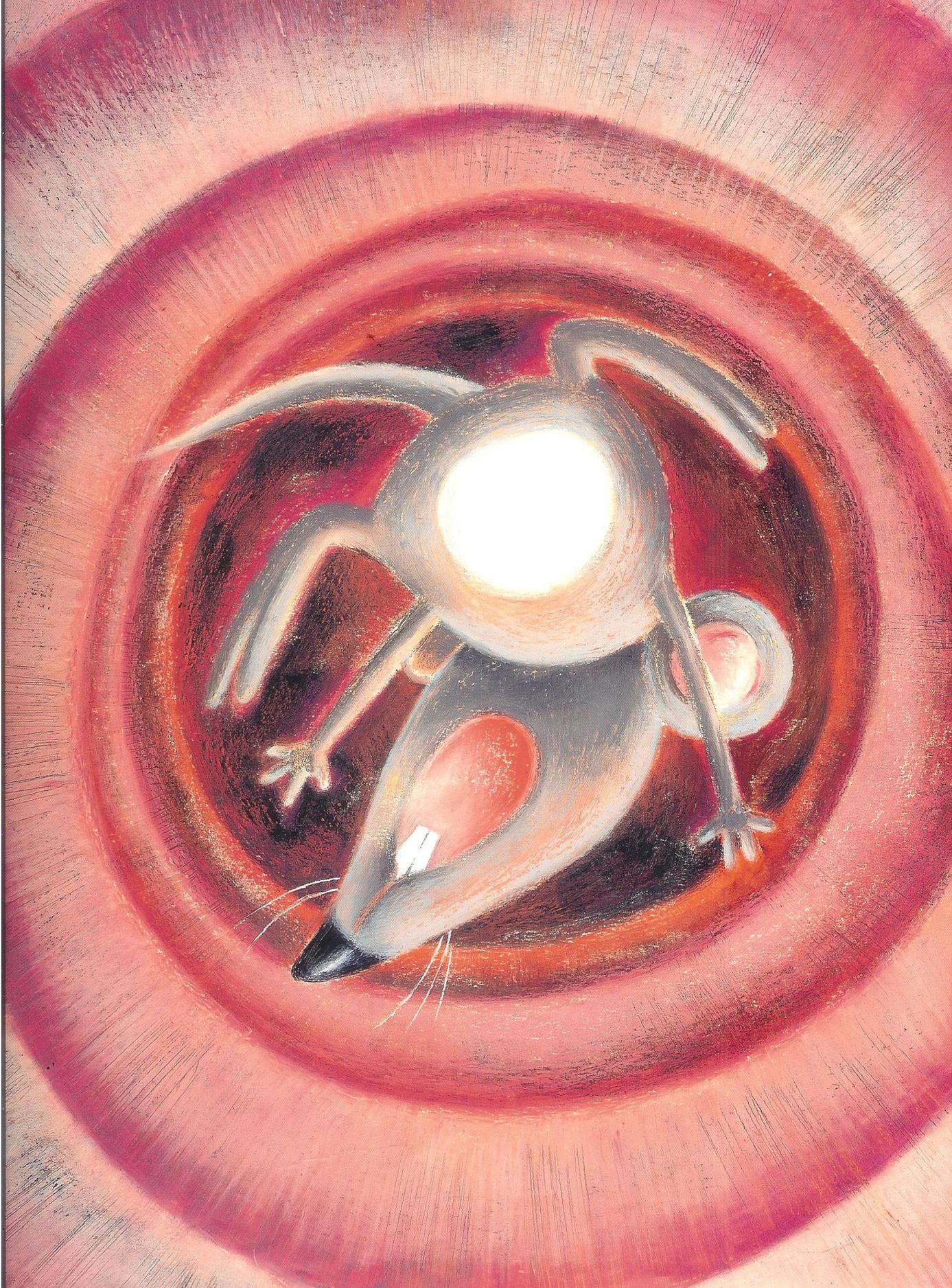
Comeu a barquinha,
os remos, a vela,
o pão e o queijo,
quanto ia nela.

– Ai a barriga
de uma baleia,
como é tão escura,
como é tão feia!

Lá não há sol
nem há luar,
água bebida
já não é mar.

Põe-se o ratinho,
aflito, a gritar,
mas onde está
não o podem salvar.

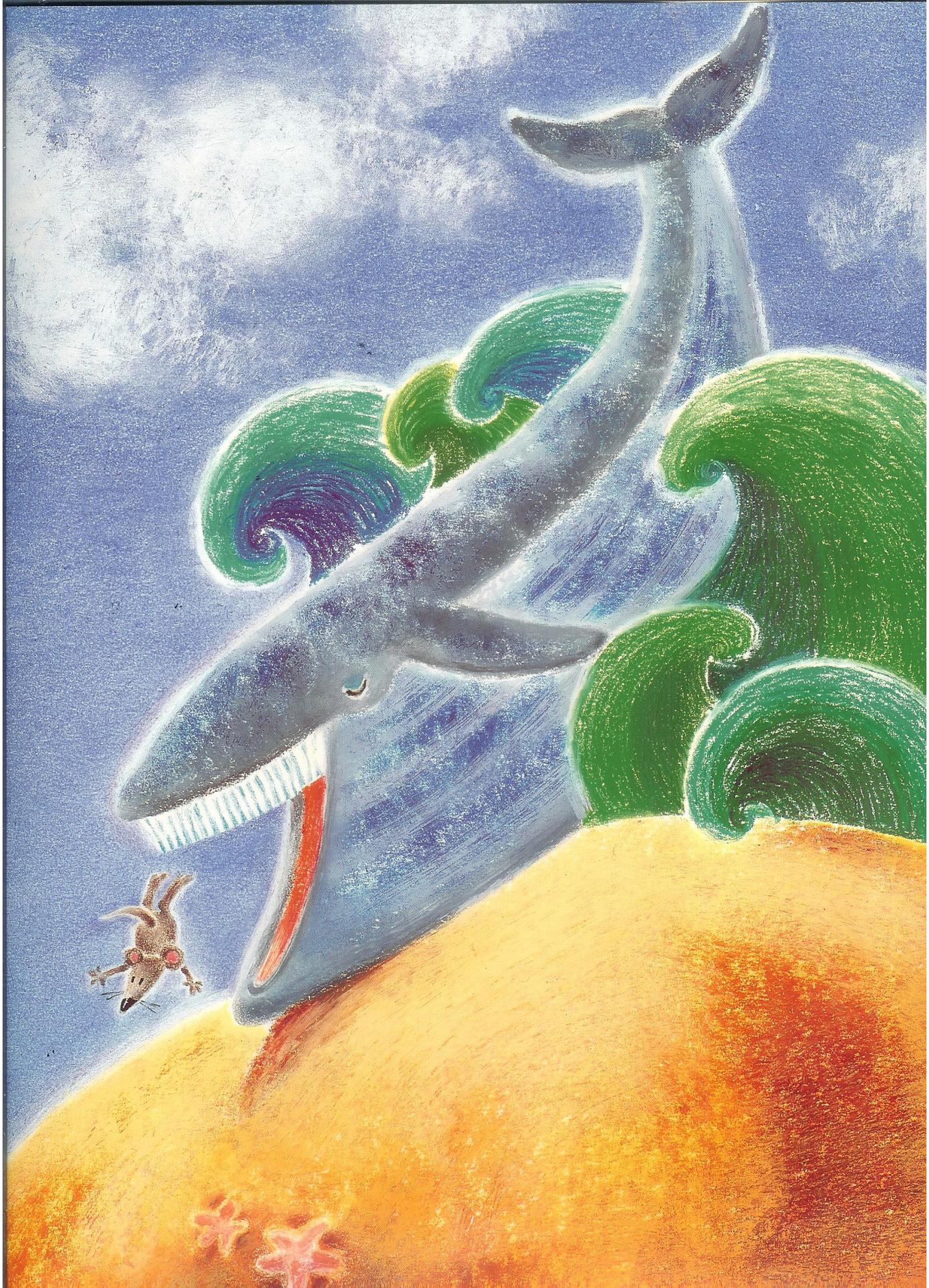
Puxa os palitos,
põe-se a espetar,
toda a baleia
por dentro a picar.



Sobe o repuxo,
pula a baleia,
até que encalha
na praia de areia.

Pára o repuxo,
pára a baleia,
agora é um monte
parado na areia.

Sai o barquinho
para a praia deserta
enquanto a baleia
tem a boca aberta.





– Que belo jardim
de flores e verdura,
mas que rica horta
com tanta fartura!

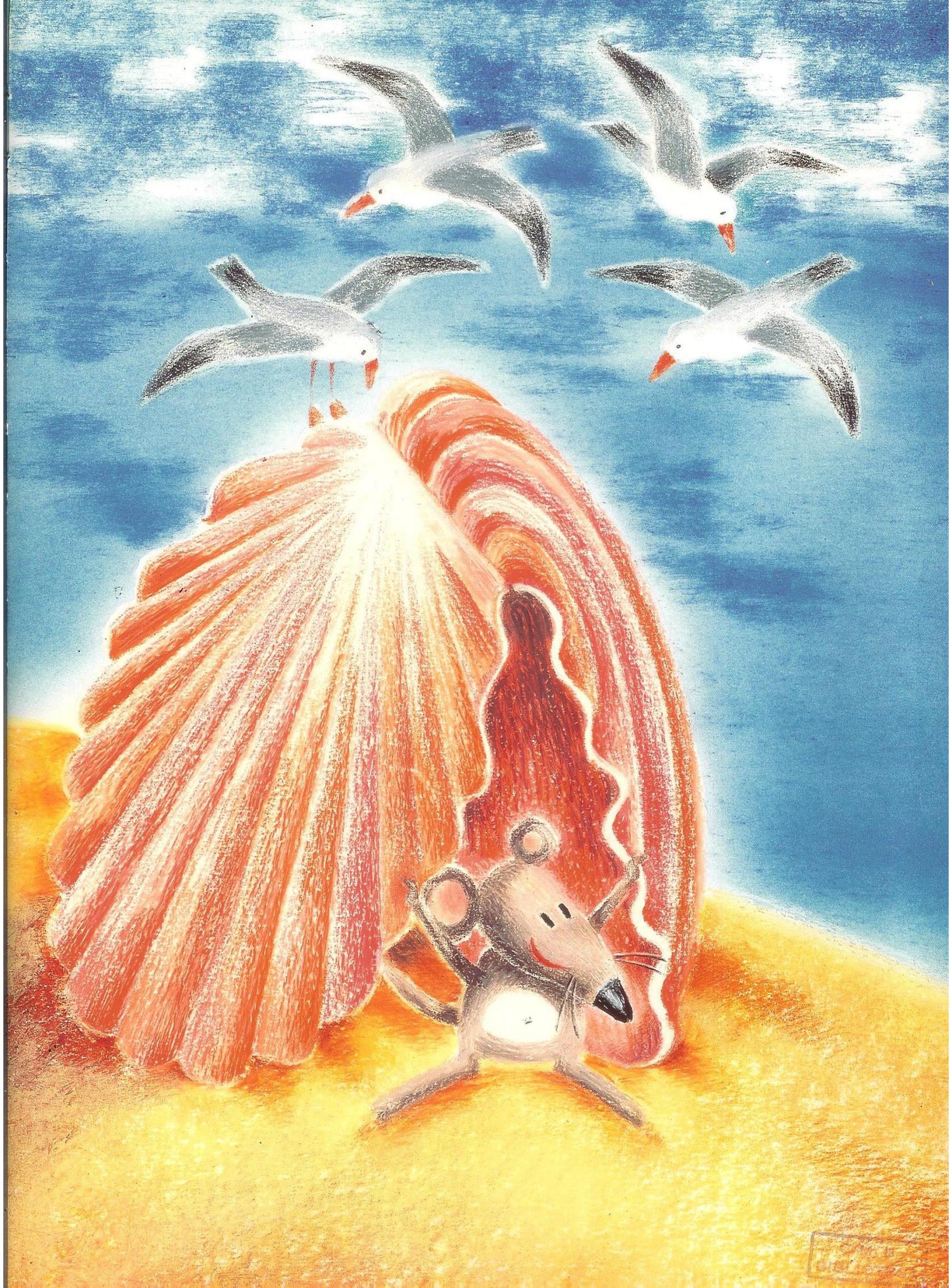




– Aqui vou erguer
a minha casinha,
com conchas do mar,
com espuma marinha.

Para me sentar
o banco de rolha,
para fazer de porta
a vela de folha.

Escolhi uma rosa
para cama macia,
um grilo cantor
para telefonia.





– Já dei uma volta
ao mar todo inteiro...
Ah, vou descansar
de ser marinheiro!

FIM